



Fotojornalismo Policial: Análise das Fotografias das Matérias Policiais do Encarte Vale Do Rio Tijucas e Costa Esmeralda no Jornal Notícias do Dia¹

Alexssandra MEZZOMO²

Hans Peder BEHLING³

RESUMO

O presente artigo foi desenvolvido a fim de analisar o papel do fotojornalismo nas matérias policiais do encarte de Tijucas no jornal Notícias do Dia. A análise será feita com base nas edições de primeiro de janeiro a trinta de abril de 2011, com o intuito de verificar como o material estudado pode representar a realidade da segurança na cidade de Tijucas. Esta pesquisa irá discorrer sobre fundamentos teóricos em relação ao jornalismo, ao fotojornalismo, a teoria de agenda-setting e ao processo de representação social. Além da pesquisa bibliográfica sobre todos estes assuntos, uma pesquisa quantitativa vai servir para a tabulação dos dados e análise posterior.

PALAVRAS-CHAVE: fotojornalismo; representação; agenda-setting.

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa em questão trata de uma análise das fotografias das matérias de polícia do encarte do Vale do Rio Tijucas e Costa Esmeralda no jornal Notícias do Dia. O principal objetivo é analisar como as fotografias destas matérias podem representar as principais ocorrências policiais na região desde primeiro de janeiro até trinta de abril de 2011 (desde a posse da Presidente Dilma Roussef até a data de coleta do material de análise). A região do Vale do Rio Tijucas e Costa Esmeralda, que abrange desde a cidade de Tijucas até Porto Belo, Bombas, Bombinhas e Itapema, possui um encarte particular que traz além das notícias estaduais, todos os acontecimentos de destaque dessa região.

Assunto que preocupa todas as camadas sociais, a segurança é bastante discutida na imprensa, seja ela falada, escrita ou televisiva, porque causa grandes polêmicas. Há quem acredite que qualquer notícia veiculada na mídia a respeito de violência, ou que de alguma maneira toque o emocional das pessoas é sensacionalista.

¹ Trabalho apresentado ao IJ01 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Chapecó – SC.

² Egressa do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UNIVALI (Universidade do Vale do Itajaí). Email: bqb_ale@hotmail.com

³ Orientador do Trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Univali (Universidade do Vale do Itajaí). Contato: hanspeda@terra.com.br

Utilizou-se inicialmente de uma pesquisa exploratória bibliográfica, que, segundo Gil (1996) tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito. A metodologia de análise escolhida foi a teoria de agenda-setting: a compreensão de grande parte da realidade depende da informação que lhes é fornecida pelos meios de comunicação de massa. (Wolf, 1992).

Para que seja possível analisar as fotografias e perceber quais são os principais problemas de segurança que a região enfrenta, utilizou-se da teoria de agenda-setting, pois acredita-se que via tabulação e análise dos dados é possível perceber quais são as ocorrências que mais se destacaram no período estudado. Lakatos e Marconi (1992) afirmam que trabalhos desse tipo podem ser justificados enfocando um ou mais dos seguintes aspectos: esclarecimento de aspectos obscuros; complementação de estudos anteriores; contribuição para a solução de problemas; relevância para a ciência; originalidade, importância, viabilidade e disponibilidade. Assim, esta pesquisa se torna importante porque visa esclarecer alguns aspectos obscuros, como a representação da realidade através das fotografias, verdadeiros recortes temporais de determinados acontecimentos que tiveram destaque na cidade ou região. Além do mais esta pesquisa complementa estudos anteriores que buscaram de maneira muito prática contar a história da fotografia e como se deu a evolução deste elemento no jornalismo. As fotografias foram analisadas com o propósito de perceber as tendências seguidas pelos fotojornalistas que passam diariamente informações sobre a região.

2. FOTOJORNALISMO

O fotojornalismo é hoje em dia uma das funções que o jornalista exerce muitas vezes sem remuneração, porque segundo Sousa (2005), ele parte da mesma premissa que qualquer outro tipo de jornalismo, sua função é informar, neste caso através de fotografias, mas sempre com o intuito de reproduzir informação através das imagens, e devido a isso as grandes confusões são causadas quanto à remuneração por este trabalho. Para alguns editores, não custa ao jornalista que foi a campo capturar informações fotográficas para sua matéria, porém nas imagens capturadas na rua, principalmente para matérias policiais o fotojornalista não tem o privilégio de pesquisar a respeito. Uma vez com a pauta na mão, ele só tem o tempo da redação até o local, e poucas informações para bolar uma linha fotográfica que pretende seguir, ou para preparar o equipamento e disparar os cliques a fim de representar o acontecimento da melhor maneira para o leitor, que agora recebe o material gráfico do jornal com muita qualidade devido aos avanços tecnológicos. Com as novas tecnologias tomando

conta dos equipamentos, os fotógrafos foram remodelando o jeito de fotografar. Antigamente quando um fotógrafo posicionava seu equipamento as pessoas se ajeitavam e posavam para a câmera. Hoje, o que os profissionais buscam, são aqueles segundos de desatenção em que a naturalidade expõe a personalidade real. Esta instantaneidade é bastante comentada por Sousa (2004). O autor afirma que o fotojornalismo ganhou força no final do século XIX, quando as pinturas deixaram de ser a manifestação de arte que melhor representava a realidade, ou fragmento dela, e serviu a todas as nações como forma de documentar guerras, manifestações, personalidades entre outros acontecimentos que hoje fazem toda a diferença na história.

As imagens que ilustram as matérias geralmente mostram pessoas ou ações. Pietroforte (2004) explica que cada indivíduo quando enquadrado em uma fotografia, passa a ser percebido pela situação que o rodeia. “No retrato com a família, por exemplo, um homem pode representar o papel de um pai zeloso, no entanto em uma farra com os amigos. O papel pode mudar significativamente.” (PIETROFORTE, 2004, p.51). Neste momento o fotógrafo deixa de ser leitor, telespectador, ou investigador e passa apenas a fotografar, e a registrar momentos que poderão ser expostos em vários meios da mídia ou em arquivos pessoais. Com o passar dos anos, estes arquivos podem se tornar documento de pesquisa.

Segundo o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, apelar para o sensacionalismo é antiético no jornalismo. Segundo André (2001), o sensacionalismo que se baseia na desgraça alheia deve ser evitado para não deixar vulnerável o meio de comunicação e para não incentivar as pessoas que tem menos conhecimento a aderirem este tipo de informação e banalizarem as situações expostas na mídia. Portanto o fotojornalista deve ser qualificado e estar por dentro da linha editorial do veículo para o qual trabalha, sendo polivalente e criativo para acrescentar informações e deixar a editoria atrativa para o leitor. Além de todos estes critérios, ele ainda precisa dar extrema atenção aos conteúdos gerados pelo veículo, pois estes geralmente se tornam a agenda de grande parte da população que absorve tais informações.

3. AGENDA-SETTING

Segundo Wolf (1992), de acordo com a teoria de agenda-setting é possível afirmar que os assuntos discutidos em determinados grupos de pessoas podem variar de acordo com as publicações dos meios de comunicação. Porém, “na medida em que o destinatário não é capaz de controlar a precisão da representação da realidade social, (...) a imagem que, por intermédio dessa representação, ele forma, acaba por ser distorcida, estereotipada ou manipulada.” (ROBERTS, *apud* WOLF, 1992, p.380).

Por isso os consumidores destas informações têm de prestar atenção naquilo que tomam por verdades absolutas, afinal nem sempre o veiculado pela mídia é 100% verdadeiro. Por mais que todas as notícias sejam apuradas e precisem atingir certos critérios de relevância para serem divulgadas, muitas vezes em meio a tamanhas confusões algumas informações se perdem e outras se criam, deixando o público receptor em dúvida e causando tumultos a respeito. Afinal, “o agendamento é condicionado por vários fatores como tempo de exposição do receptor; o tipo de mídia e a pertinência do assunto para o público. Também tem peso a falta de informação ou incerteza do receptor.” (JOHN e EBERLE, 2010, p.06). As autoras citam dez conceitos fundamentais para o estudo e entendimento do agendamento: acumulação, consonância, onipresença, relevância, frame-temporal, time-lag, centralidade, tematização, saliência e focalização. Nesta pesquisa, os conceitos de agendamento a serem utilizados serão a acumulação, consonância, tematização e focalização, para que seja possível identificar como anda a representação da realidade guiando-se pela teoria de agendamento.

Acumulação: capacidade que a mídia tem de dar relevância a um determinado tema, destacando-o do imenso conjunto de acontecimentos diários; Consonância: apesar de suas diferenças e especificidades, os mídias possuem traços em comum e semelhanças na maneira pela qual atuam na transformação do relato de um acontecimento que se torna notícia; Focalização: é a maneira pela qual a mídia aborda determinado assunto, utilizando uma determinada linguagem, recursos de editoração; Tematização: capacidade de dar o destaque necessário (sua formulação, a maneira pela qual o assunto é exposto), de modo a chamar a atenção. Um dos desdobramentos deste item é a suíte de uma matéria, ou seja, múltiplos enfoques que a informação vai recebendo para manter presa a atenção do receptor. (FERNANDES, 2003)

Para Hohlfeldt (2001), a relação entre agenda e a realidade, não se dá de maneira direta, mas por, “Imagens que formamos em nossa mente. Desta forma, percebemos a realidade não enquanto tal, mas sim enquanto a imaginamos” (HOHLFELD, 2002, p.192). E a forma como a imaginamos diz respeito a todo e qualquer tipo de informação que consumimos através dos mass media, e que formam a nossa linha de raciocínio sobre tais assuntos. “Fixar a agenda é fixar o calendário dos acontecimentos, é dizer o que é importante e o que não é, é chamar a atenção sobre um certo problema, é destacar um assunto mesmo que trate de uma piada, é criar o clima no qual será recebida a informação.” (BARROS FILHO, 2003, p.173). Após o processo de disseminação das informações escolhidas, esperar que o público tenha em sua agenda pessoal, tais assuntos como os mais relevantes para que os mesmos continuem em destaque.

4. REPRESENTAÇÕES DA REALIDADE

Uma vez inseridos na agenda popular, os destaques da mídia podem representar a realidade social daquele público, que passa a tomar por verdades fatos que tem origem no senso comum. “Elas entram para o mundo cotidiano em que nós habitamos e discutimos com nossos amigos e colegas e circulam na mídia que lemos e olhamos” (MOSCOVICI, 2003, p.08). O autor ainda destaca a sutil relação que existe entre representações e influências comunicativas, quando define representação social como

Um sistema de valores, ideias e práticas com dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social, e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social. (MOSCOVICI, 2003, p.21)

Na mídia impressa, por exemplo, o que mais tomasse por verdade, prova dos fatos, ou representação real dos acontecimentos, são as imagens, que tem o papel de ilustrar e acrescentar o que está expresso na matéria, pois ela retrata aspectos do real. Kossoy (1989) é um dos autores que defende a credibilidade que tem a fotografia perante a sociedade por trazer aos olhos de todos, informações das quais poucas pessoas tiveram acesso. A realidade da fotografia segundo ele não diz respeito a realidade que envolveu o objeto de registro. Ela é uma segunda realidade, construída e codificada. Neste caso ainda, “a imagem fotográfica é fixa e muitas vezes a imprensa ou grupos interessados atribuem determinados significados com propósito de criarem realidades e verdades. Por isso, cabe aos especialistas e historiadores a tarefa de decifrar a realidade interior.” (BOMCOMPAGNI, 2005, p.22).

A credibilidade da fotografia pode ser posta em cheque, pois com todos os aparatos tecnológicos ela sofreu e sofre muitas modificações, desde o processo de captura das imagens até o tratamento deste material antes de ser veiculado. Uma vez tomado como objeto que possa representar a realidade ou pelo menos fragmento dela o mesmo levanta questionamentos. “Eis por que as representações sociais são tão importantes na vida cotidiana. Elas nos guiam no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos, tomar decisões e, eventualmente posicionar-se frente a eles de forma defensiva.” (JODELET, 2001, p.17).

O problema do saber acabou levando ao que hoje denominamos psicologia e a todas as ciências sociais nossas contemporâneas, porque se preocupava com a relação entre as representações interiores, subjetivas, da realidade

(significados), e a influência que o saber tinha na conduta humana. (DEFLEUR e ROKEACH, 1993, p.252).

Já para Anadon e Machado (2001), as representações são como um “produto da atividade mental procurando colocar em evidência a forma como a realidade é reconstituída pelo grupo e integrada ao seu sistema de valores.” Estas formas distintas de analisar o mesmo processo são corriqueiras uma vez que se fala de representação da realidade, pois o mesmo fato, ou neste caso a mesma fotografia pode causar em pessoas de um mesmo grupo social reações distintas, já que estas pessoas com certeza se diferem em algum aspecto, seja ele econômico, religioso, ou mesmo de aprendizagem. Será observado por seres humanos, mas esta é certamente uma das poucas características que coincidem nestes casos.

Primeiramente, as representações coletivas se separam das representações individuais, como o conceito das percepções ou das imagens. Essas últimas, próprias a cada indivíduo, são variáveis e trazidas numa onda ininterrupta. O conceito é universal, fora do vir-a-ser, e impessoal. Em seguida as representações individuais têm por substrato a consciência de cada um; as representações coletivas, a sociedade em sua totalidade. (JODELET, 2001, p.47)

Estudos demonstram que o contexto da imagem não precisa ser necessariamente verbal. Imagens podem funcionar como contexto de imagens. Um ótimo exemplo, também presente na obra da autora, é quando Kuleschow mostra que o significado que um público relaciona a uma imagem *Y* (rosto de um homem) se modifica significativamente, se for mostrado com uma imagem *B* (prato de sopa), ou *C* (mulher morta) ou *D* (menina brincando). Este exemplo deixa nítida a relação de representação através das imagens relacionadas entre si. “A informação através da palavra escrita é fundamental para a compreensão e análise dos fatos, mas o poder da imagem é indiscutível.” (LÁZARI e MARINO, 2009, p.02). Além de trazer credibilidade ela representa o que está descrito no texto, e deixa claro o poder que tem de complementar e até mesmo de esclarecer as informações dispostas nele, uma vez que tem o papel de representar determinado acontecimento.

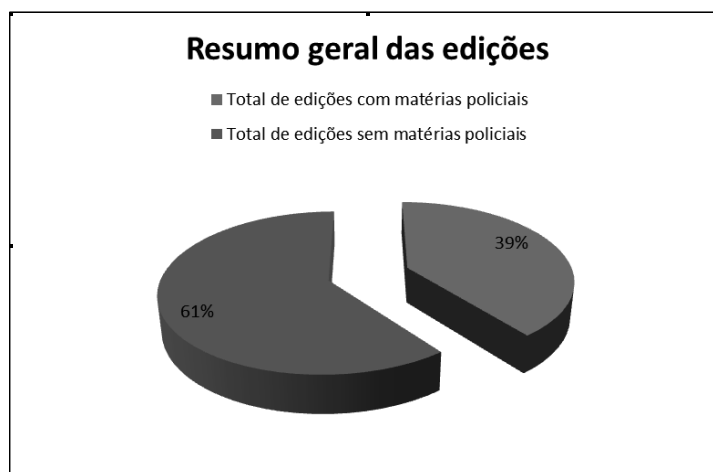
5. AGENDAMENTO E ANÁLISES

Nesta seção encontram-se as tabulações e análises das fotografais das matérias policiais do encarte Vale Do Rio Tijucas e Costa Esmeralda no Jornal Notícias do Dia.

No Gráfico 1, é possível constatar que nem todas as editoriais do período analisado tiveram matérias policiais destacadas no encarte local. O que deixa claro que muitas das ocorrências

da região não atingiram um dos conceitos do agenda-setting, o de acumulação⁴, e por isso deram espaço para aqueles assuntos que tiveram boa formulação, boa edição e conteúdo o bastante para ser desenrolado de maneira mais interessante e prender a atenção do leitor, que devido a instantaneidade da informação procura sempre o algo a mais nas matérias, principalmente quando se tratam de matérias de jornal impresso.

Gráfico 1 – Resumo de edições



Fonte: o autor

Das matérias que conseguiram alcançar os conceitos necessários para se tornarem notícia 91% traz consigo fotografias, e apenas 9% não possui este que é um dos principais atrativos para matérias do jornalismo impresso, como mostra a Tabela 1.

Tabela 1 – Quanto às fotografias

Fotografias	
Matérias com fotografias	91%
Matérias sem fotografias	9%

Fonte: o autor

Os textos que não são acompanhados de imagens geralmente são notas que utilizam menos de um quarto de página e tem apenas alguns dados cedidos pela Polícia Militar. Estes, narram os fatos de forma breve apenas com o intuito de informar sobre aquela ação da polícia e que se tiver destaque mais adiante ganha espaço maior em outra editoria. Já dos 61% de acontecimentos que renderam matérias nas páginas policiais 91% são acompanhados de uma ou mais fotografias para ilustrar ou agregar informações sobre o tema abordado. E nestas

⁴ Acumulação: capacidade que a mídia tem de dar relevância a um determinado tema, destacando-o do imenso conjunto de acontecimentos diários.

fotografias a maioria dos personagens são homens, como apresentado na Tabela 2. Eles se destacam principalmente por infringir as leis como será possível verificar mais adiante. São poucas as fotografias que trazem homens apenas como figurantes, ou como heróis de cada caso. O veículo prioriza os culpados.

Tabela 2 – Quanto ao sexo dos fotografados

Sexo em destaque nas fotos das matérias policiais	
Homens	93%
Mulheres	7%

Fonte: o autor

Destes homens 65% são brancos e em sua maioria tem mais de vinte e um anos de idade. As infrações praticadas por eles variam de roubos/assaltos, até estupros e assassinatos. Eles de certa forma representam uma classe de homens adultos e com capacidades mentais e físicas para trabalhar, mas em sua grande maioria cometem crimes, ou outras atrocidades na procura por dinheiro fácil.

Tabela 3 – Quanto à etnia predominante

Etnias em destaque nas fotos das matérias policiais	
Branco	65%
Negro	35%

Fonte: o autor

As fotografias que os representam nas páginas policiais do encarte, geralmente são clicadas nas delegacias, o que pode ser verificado ao observar o fundo da foto abaixo, por exemplo. Em várias edições fotos se repetiram e foram creditadas como arquivo/ND, o que significa que eles já tiveram passagem pela polícia.

Figura 1: Homens presos pela morte de um policial.



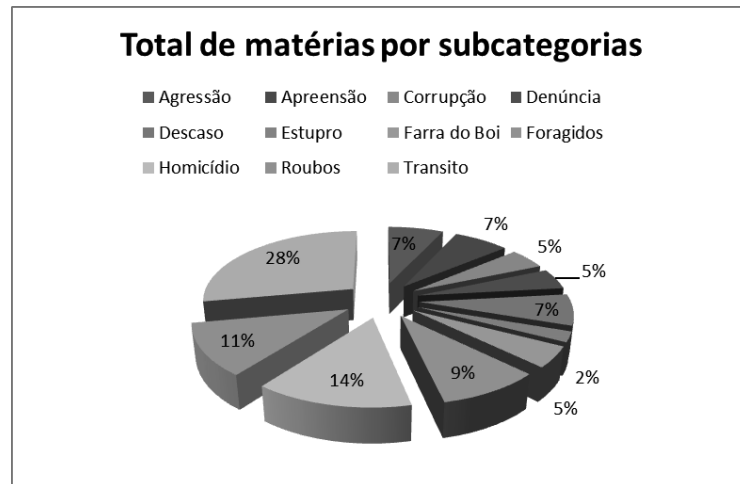
Fonte: NDonline

Tabela 4 – Idade dos fotografados

Faixa etária em destaque nas fotos das matérias policiais	
13 – 17 anos	18%
17 – 21 anos	9%
Maiores de 21	46%
Não informado	27%

Fonte: o autor

O Gráfico 2, ilustra abaixo quais foram os principais delitos cometidos pelos infratores desde janeiro de 2011 até abril, na região do Vale do Rio Tijucas e Costa Esmeralda. Entre os principais estão agressões, presos foragidos, homicídios, roubos e infrações de trânsito. Com pouco destaque local, porém não menos importante, está a prática da farra do boi que é comum na região, por fazer parte da cultura local. O site PEA (projeto esperança animal) explica que esta prática é comum no litoral catarinense por ser uma tradição trazida pelos açorianos. Geralmente acontece em época de quaresma quando o boi é solto e perseguido pelos farristas até esgotar suas forças. Proibido por lei nesta época do ano a fiscalização é intensa e prevê cerca de um ano de prisão para quem pratica este ato cruel contra o animal.

Gráfico 2 – Matérias e subcategorias

Fonte: o autor

Durante a pesquisa em duas edições, matérias falando sobre a farra do boi foram localizadas. Em uma delas inclusive, há suspeita de envolvimento de políticos no crime. A primeira matéria, de oito de março de 2011, traz na página 03 a imagem abaixo que deixa claro o medo dos comerciantes durante a quaresma, já que esta época também coincide com a farra do boi. O fotógrafo representou o medo e a desconfiança que a comunidade tem nesta época do ano, que além de estar a mercê de roubos ainda sofre com a farra do boi.

Figura 2: Comerciantes com medo da Farra do Boi.

Fonte: o autor

Ainda no mês de março, dia dez, policiais foram acusados de agressão contra menores. A imagem abaixo é um dos exemplos do que o fotojornalismo pode transmitir para os leitores.

Figura 3: Menor é agredido pela polícia.



Fonte: NDonline

Na foto o rosto de um menor que diz ter sido agredido por policiais no fim de uma das noites de carnaval na cidade de Tijuca. Sem saber do contexto da foto, e tendo apenas título e subtítulo da matéria (“PMs são acusados de agressão” “Adolescentes dizem que foram agredidos com socos e pauladas”) mais a imagem como fonte de informação, a polícia da cidade poderia ser apedrejada.

Quando se sabe que a pessoa agredida na imagem é um menor, as sensações mais comuns entre as pessoas são a pena e a revolta, mesmo sem saber o que causou estes ferimentos. No desenrolar da matéria há uma explicação dizendo que este jovem acompanhado de outros amigos teriam apedrejado uma viatura da polícia. O que não justifica tamanha agressão, já que a atitude é contra lei. Mas para chamar a atenção do receptor e causar sensações e reações a respeito, o jornal optou por esta fotografia, que deixa explícita a agressão sofrida pelo menor, afinal todos os veículos de informação buscam prender o leitor, para ser lido e consequentemente alcançar uma boa tiragem.

Retornando aos dados expressos no Gráfico 2, em relação aos 28% de infrações de trânsito, o jornal dá destaque para a Avenida Emília Ramos, conhecida como P4, em Tijuca e para a SC 411, ambas causam grande preocupação para os moradores da região e para a polícia que faz a segurança, pois sofrem com os abusos de velocidade e com a imprudência dos motoristas. Durante os quatro meses de edições pesquisadas a Avenida P4 e a SC 411 foram citadas diretamente três vezes cada uma. As outras infrações envolvendo trânsito envolveram a lei seca, e acidentes de motos e carros em outras regiões.

Figura 4: Sinalização precária na SC 411.



Fonte: NDonline

Esta por exemplo, é uma das imagens da edição de dezessete de janeiro de 2011, que fala por si sobre o descaso e a falta de sinalização e fiscalização adequada na SC 411 em período de férias, quando o tráfego é ainda mais intenso na região. O fotógrafo consegue com sucesso representar a situação de toda a rodovia com esta imagem, porém na matéria ele ainda complementa com os dados necessários e fotos que mostram placas escondidas atrás da vegetação que toma as margens.

Figura 4: Homem é assassinado em Tijucas.



Fonte: NDonline

Por fim a imagem acima, do dia seis de janeiro de 2011, mostra um assassinato cometido por dois homens. E representa para os leitores o pânico da sociedade atual. O homem teria sido morto por causa de uma rixa entre famílias. O sangue e a presença da vítima no local remetem a fragilidade da vida, que pode ser perdida em instantes pelos mais diversos motivos. Uma imagem cheia de significados e capaz de despertar diversos sentimentos, primeiro pelo ângulo que foi clicada e depois pela disposição de cada elemento.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa foi desenvolvida a fim de analisar como as fotografias das matérias policiais do jornal Notícias do Dia, de primeiro de janeiro a trinta de abril de 2011 podiam representar a situação de segurança na região do Vale do Rio Tijucas e Costa Esmeralda. Um dos principais objetivos era perceber como as fotografias destas matérias em especial poderiam retratar a realidade desta região. A princípio acreditava-se que a fotografia por si, clicada por um jornalista polivalente era capaz de expressar ou de causar reações e sensações a seu respeito, porém no decorrer da pesquisa foi possível verificar que uma imagem isolada nem sempre revela tudo que o repórter pretendia dizer.

Neste trabalho, utilizou-se a teoria do agenda-setting, que nada mais é do que a teoria que estuda como a mídia é capaz de impor ao receptor o que ele deve considerar importante ou ignorar nos fatos do seu dia a dia. Esta teoria trabalha a fim de manipular os assuntos que terão destaque nas rodas de conversa, os assuntos para os quais a massa dará maior importância, esquecendo outros que para os grandes grupos de interesse que giram atrás da mídia não devem ser levados a diante. Outro campo importante da pesquisa bibliográfica foi o das representações da realidade. Como os objetos de representação escolhidos para análise foram as fotografias de matérias policiais do encarte local do Jornal Notícias do Dia, pode-se dizer que cada imagem estudada carrega uma carga muito grande de informações a respeito de determinada ocorrência, e que o tema da violência atinge o critério de relevância do agendamento tornando-se parte importante nas páginas publicadas. Estas imagens são recortes da realidade que vivem as pessoas da região, e por isso podem servir para representar os problemas enfrentados com maior frequência em relação a segurança local.

Durante a análise, fotografias com maior apelo emocional foram encontradas, o que para os meios de comunicação pode ser uma estratégia de venda, mas que do ponto de vista ético é irregular. Afinal, estas podem influenciar o público receptor a banalizar e a consumir este tipo de informação que inclusive reduz a credibilidade do veículo. Além do que o jornalismo e, portanto o fotojornalismo tem compromisso apenas com a verdade e não deve de maneira alguma querer manipular a informação, seja ela escrita ou fotografada, já que de certa forma estas informações representam parte da sociedade em questão e podem por isso influenciar este público.

Com a análise das fotografias foi possível perceber que o jornalismo ainda encontra obstáculos pelo caminho, e que parece se render a eles quando permite que um mesmo

profissional trabalhe em mais de uma função e principalmente, não recicle o seu conhecimento, mantendo uma linha editorial que carrega consigo desde a academia ou pela prática antiga das mesmas funções, sem que seja punido por trabalhar desta forma. Durante a pesquisa pode-se verificar que no Jornal Notícias do Dia a maioria dos profissionais exercem mais de uma função e em sua grande maioria se quer conhecem a história do veículo. Alguns funcionários quando questionados a respeito preferiram não falar. Para dados mais diretos sobre o jornal um contato com a redação geral, de Florianópolis, foi necessário, o que prova a falta de entrosamento da equipe, falha grosseira se tratando de uma empresa de comunicação. Pesquisas para reconhecer problemas como estes têm de ser estimuladas nas academias, afinal são oportunidades de estudo assim, que mostram aos acadêmicos os erros e acertos que o mercado de trabalho reserva para os futuros profissionais, que se bem preparados podem ir pro mercado e fazer a diferença.

7. REFERÊNCIAS

ANADON, Marta; MACHADO, Paulo Batista. **Reflexões teórico-metodológicas sobre as Representações Sociais**. Salvador: UNEB, 2001.

ANDRÉ, Alberto. **Ética e códigos da comunicação social**. 4. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto. 2001.

BARROS FILHO, Clóvis de. **Ética na comunicação**. 4. ed. São Paulo: Summus. 2003.

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOMCOMPAGNI, Fabiana Santos. **Fotojornalismo como construção social da realidade**. 2005. Disponível em <http://www.convergencia.jor.br/bancomonos/2005/fabiana.pdf>. Acesso em 18/05/2011.

DEFLEUR, Melvin L; BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

FERNANDES, Juliana de Brum. **A Hipótese do Agenda Setting: Estudos e Perspectivas**. 2003. Disponível em <http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n35/jbrum.html>. Acesso em 09/05/2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas S.A., 1996.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação, conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2002.

JODELET, Denise. **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

JOHN, Valquíria Michela e EBERLE, Taiana Steffen. **Veja só o Brasil – a construção da realidade em duas mil capas da Revista Veja**. 2010. Acesso em 10/04/2011. Disponível em <http://www.ec.ubi.pt/ec/07/pdf/joh-eberle-veja.pdf>.

KOSSOY, Boris. **História da Fotografia**. 1.ed. São Paulo: Ática S.A, 1989.

- LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 1992.
- LÁZARI, Rogéria; MARINO, Marcela Regina Guerrer Barrios. **Fotojornalismo: formação e exercício profissional**. 2009. Acesso em 20/05/2011. Disponível em <http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/viewFile/2235/2392>.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- PIETROFORTE, Antonio Vicente. **Semiótica visual: os percursos do olhar**. São Paulo: Contexto, 2004.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos do jornalismo impresso**. Florianópolis: Letras contemporâneas oficina editorial LTDA, 2005.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: introdução a história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras contemporâneas oficina editorial LTDA, 2004.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Argos, 2004.
- WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 2 ed. Lisboa: Presença LTDA, 1992.